

Reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés, por Curt Nimuendajú. Athias, Renato (Org.) Rio de Janeiro: Museu do Índio-FUNAI; Recife: UFPE, 2015.

Sinais da contemporaneidade em Nimuendajú – ensaio bibliográfico

Camila do Valle

“Quando me aproximei vi uma mocinha fugir para o mato e não havia pedido e promessa que a fizesse reaparecer. Uma horrível trovoada desabou. Duas crianças vieram debaixo da chuva correndo para casa, mas assim que perceberam a presença de estranhos, fugiram pra traz aos gritos.” (Nimuendajú. 2015, p.50)

Medo e medo do medo. Michel de Montaigne escreve sobre o medo entre seus ensaios: “o medo é ainda mais importuno e mais insuportável que a morte!”¹. Em edição recente de *Os Ensaios*, somos informados que os exemplos foram se acumulando de edição em edição, até chegar a descrever uma “inquietante etiologia do terror pânico”². Em geral, os exemplos de Montaigne são retirados da experiência de soldados envolvidos em batalhas da tradição bélica ocidental. A publicação deste relatório de Nimuendajú nos fornece mais inúmeros exemplos, descrições loquazes das marcas indeléveis deixadas pelo medo em povos não ocidentais. Mais especificamente, nos povos indígenas do Rio Negro, em se tratando dos textos publicados agora em livro e que compuseram o relatório da viagem empreendida em 1927 por solicitação do SPI (Serviço de Proteção aos Índios). A explicação para a fuga com a qual se inicia este texto, se não vem a galope, também não falha em sua observação:

¹ MONTAIGNE. Pág. 58.

² *Idem.* Nota de Rosa Freire D’Aguiar. Pág.54.

“Fora essas habitações de índios existem ali, infelizmente a casa do famigerado peruano Júlio Cesar Barreto, bastante conhecido na Inspetoria pelos seus numerosos crimes. Não podendo por isso mais permanecer ali, entregou os seus negócios a um brasileiro, Antônio Maia, que lá mantém uma taberna e cujos empregados estão constantemente em caminho para extorquir nas malocas dos índios o pagamento das ‘dívidas’ do Barreto e para arrumar novas contas nas costas destes infelizes, a fim de obrigá-los ao serviço do seu patrão. Enquanto assim, os seus empregados afligem as malocas vizinhas. Maia pessoalmente emprega o mesmo sistema em Yutica, auxiliado por certo João Lima, que os índios me indicaram como dos piores estupradores de meninas que afligem as suas malocas.” (Nimuendajú. 2015, p.51)

O mal estar é bem espalhado ao longo dos rios, não importando se aquém ou além do território brasileiro ou colombiano, e mesmo quando há o reconhecimento da necessidade de uma relação com os indígenas:

“Devido a esta falta de índios produtores, estão os habitantes do posto [posto fiscal colombiano] em completa dependência do Brasil, vendo-se forçosamente a comprar dos índios brasileiros a farinha, banana e outros alimentos. Apesar disto eles às vezes não conseguem dominar por completo a sua perversidade habitual, atirando sem motivo sobre os índios brasileiros, que sobem ou descem pela margem direita do Papurí, sob o pretexto de se tratar de índios colombianos, obrigados a encostar no posto.” (*Idem*, p.59)

As expressões que reconhecem o medo e, ainda, denunciam seus motivos pululam ao longo desses textos escritos por quem esteve no local, e escritos por quem fez da produção etnográfica seu testemunho, deixando registrado - sem prejuízo algum para as descrições objetivas, ao contrário, tornando-as mais minuciosas - a “relação emocional”, evidenciando “o lamento de Nimuendajú em relatar a situação em que os índios se encontram” (Athias. 2015, p.20). Segue mais uma pequena amostra das expressões de denúncia e descrições do medo por Nimuendajú: “desconfiados devido a gerações de maus-tratos infligidos pelos brancos (...)” (*Idem*, 65); “Do alto Uaupés desce a tirania aniquiladora dos balateiros colombianos, enquanto do Rio Negro vem subindo a influência da missão católica, sufocando todas estas manifestações da arte primitiva.” (Nimuendajú. 2015, p.21); “Quando me dirigi para as casas, tive de ver por toda parte mulheres apavoradas e crianças chorando e fugindo pelos fundos. (...) O tuxaua veio em pessoa me buscar e quando subimos juntos, mulheres e crianças, visivelmente por ordem especial dele, ficavam paradas à nossa passagem, se bem que o terror se achava escrito nas suas feições.” (*Idem*, p.37); “A recepção foi desesperadora: ‘Nada. Aqui não tem nada.’, apressou-se o tuxaua Candido a declarar peremptoriamente, e para não me deixar uma ilusão qualquer repetiu estas palavras umas quatro vezes.” (*Idem*, p. 38); “(...)os parentes de meus remadores, por comiseração, deram-lhe em segredo, uma boa quantia de beijús para que não padecessem fome em viagem, pois que eu os fazia passar fome eles tinham como natural” (*Idem*, p. 39). Os exemplos seguem. Variados, inúmeros.

Todos os trechos citados pertencem ao relatório encomendado por Bento de Lemos, do SPI, a Curt Nimuendaju. A viagem para a realização de dito relatório foi empreendida em 1927 e consta do relatório anual da Inspeção do Amazonas e Acre de 1928. O relatório completo, reunindo suas três partes, acompanhado de ensaio

fotográfico inédito de autoria do próprio Nimuendajú³, e de um mapa atualizado que será comentado mais adiante, foi recentemente publicado pelo Museu do Índio-FUNAI, com organização do antropólogo Renato Athias, que escreve, ainda, uma introdução bastante elucidativa para a entrada no universo de temas presentes nesses rios e nesses textos de Nimuendajú e, por último, um capítulo sobre as fotografias mencionadas. Em uma próxima edição, valeria a pena incluir um comentário do organizador sobre a autoria e (re)elaboração do mapa presente na publicação. É possível que isso ocorra em um momento no qual se fará necessário reelaborar o mapa uma vez mais, pelas dinâmicas e interesses que se sucedem afetando a vida dos povos do Alto Rio Negro. E, como Athias sublinha, “esse relatório tornou-se leitura obrigatória para todos que trabalham com populações indígenas do Alto Rio Negro. (...) foi talvez o primeiro relatório que expôs, para uma agência oficial do Estado, a precária situação dos índios.” (Athias: 2015, p. 23).

A história da publicação de todas as partes desse relatório também merece atenção, tendo Alfred Métraux sido o primeiro destinatário e cumprido papel fundamental ao publicar “Idiomas indígenas del Brasil”, em 1932, na *Revista de Etnografía de la Universidad de Tucumán*, cuja segunda parte, em português, justamente a parte referente aos vocabulários lingüísticos coletados por Curt Nimuendajú durante a viagem ao Alto Rio Negro, foi reproduzida em *fac-símile* na publicação organizada por Renato Athias. Mais tarde, já na França, respectivamente em 1950 e 1955, Métraux publicou as outras duas partes que compõem o documento, no *Journal de la Société des Américanistes*. Essas publicações em separado levantam questões para o organizador da presente publicação: “por que será que Métraux esperou a morte de Nimuendajú para publicar o relatório de viagem? Ou seja, por que esse relatório levou 23 anos para ser

³ As fotografias estavam presentes na coleção Carlos Estevão de Oliveira, sob a guarda do Museu do Estado de Pernambuco. Assim como um dos originais do relatório.

publicado? Será por que as reflexões que Nimuendajú escreve sobre os missionários impediram de Métraux publicar ou teria sido o próprio Nimuendajú que pediu para Métraux não publicar?” (Athias: 2015, p.20). Um dos méritos desse livro é, justamente, a publicação, em sua integralidade, desse relatório, conjuntamente com as fotografias de Nimuendajú, inéditas durante todas essas décadas. O reconhecimento da autoria das fotografias foi explícita e meticulosamente feito pelo organizador da publicação. Essas fotografias, de valor inestimável, acompanham a publicação e, felizmente, também podem ser acessadas virtualmente, conjuntamente com a introdução, no endereço⁴ https://issuu.com/renatoathias/docs/relat__rio_e_fotos_de_c._nimuendaju

O texto de Curt Nimuendajú é povoado de referências à passagem de Koch-Grünberg, por volta de 1903⁵, pela mesma região, como também demonstra conhecimento de outros autores que a percorreram. Entre os dois, Koch-Grünberg e Nimuendajú, o estabelecimento de uma amizade e conseqüente correspondência e troca de impressões⁶ e informações sobre a região nos leva a outra observação: a da existência de uma rede de relações que, ao longo do tempo, configurará o repertório de referências e conhecimento que constituirá o que já foi chamado de “Antropologia do Rio Negro”, conforme livro recente sobre a mesma região⁷. Ao organizar a presente publicação, Renato Athias também ressalta essa linhagem de produtores intelectuais, sublinhando o

⁴ Acesso em 01 de março de 2016.

⁵ “‘Baníua’ do Içana - Quando Koch-Grünberg em 1903 estudou os índios deste rio pertencia toda a sua bacia ao domínio desta língua; hoje, porém é preciso excetuar a Alto Ayari, invadido por índios da nação Cobeua, vindos do Querari, afluente do Uaupés.” (Nimuendajú, p.73)

⁶ Como demonstra Renato Athias nas páginas 22 e 23 da “Introdução” à presente publicação.

⁷ “Mesmo não se tendo recuperado as trajetórias intelectuais referidas à região e à produção antropológica relativa a épocas pretéritas, de Alexandre Rodrigues Ferreira a Eduardo Galvão, passando por Barbosa Rodrigues, que viajou pelo rio Jauperi, Koch-Grünberg e Curt Nimuendaju, existe uma interlocução com o que se tem classificado como ‘Antropologia do Rio Negro’”. A expressão é atribuída ao pesquisador Renan Freitas Pinto. In: Almeida, Alfredo Wagner Berno de (org.) *Mobilizações étnicas e transformações sociais no Rio Negro* (2010). Ver “Prólogo: Um rio dividido”.

conhecimento que Nimuendajú tinha de relatos anteriores feitos por viajantes vários, além de Koch-Grünberg: Capitão Joaquim Firmino e Johannes Von Natterer, como exemplos. Anos mais tarde, Eduardo Galvão, continuando esta espécie de linhagem, este repertório, se valerá também do conhecimento construído por seus “antecessores” para desenvolver parte de seu trabalho. Em se falando de linhagem, faz-se notar aqui mais um dado que reforça a importância de se falar nessa rede construída ao longo do tempo: o guia local de Wallace era o mesmo que tinha estado com Natterer⁸, o qual havia libertado este informante da condição de escravo. Em alguns lugares onde esteve, a Nimuendajú chegavam notícias de seu amigo Koch-Grünberg: “O dono da casa contou como, quando era curumim, Koch-Grünberg esteve entre os Siucí-Tapuya e Hohódene, tomando parte nas suas festas e bebendo caxiri com eles.” (Nimuendajú. 2015, p.45). Para além dos que já foram lembrados ao longo desta resenha, outros que fazem parte desse repertório: Henri Coudreau, Stradelli, Rivet, Goldman, Jackson, Hugh Jones⁹.

A importância do presente livro-relatório de Nimuendajú também pode ser remetida à sua minuciosa descrição de processos de encontros, determinante na compreensão das dinâmicas dos diversos povos, conflitos e grupos lingüísticos presentes nas localidades visitadas ao longo dos três rios. Embora já estivesse dispersamente publicado e, portanto, essa descrição minuciosa já fosse acessível a leitores, a reunião de todas as suas partes facilita, para o próximo pesquisador, especialmente o pesquisador indígena, a leitura das descrições de Nimuendajú, que está situado de forma incontornável dentro deste repertório de leitura da “Antropologia do

⁸ Conforme a tese de doutorado em Antropologia “Um Naturalista e seus múltiplos: colecionismo, projeto austríaco na América e as viagens de Johann Natterer no Brasil (1817-1835)” apresentada ao Museu Nacional-UFRRJ por Rita Santos, sob orientação de João Pacheco de Oliveira, em 2016. V. p. 232.

⁹ Athias, R. In: Almeida, A. W. B. de. *Idem*. P. 276.

Rio Negro” por sua presença e narrativa serem esclarecedoras de pontos obscuros ou aparentemente equivocados de uma linhagem que o antecede, e, por outro lado, fonte de informação, também aparentemente, inesgotável para aqueles que o sucedem e reinterpretem-no, com questões provenientes de diferentes campos de saberes. Como exemplo, reproduzimos o que é dito na “Introdução” acerca dos “Apontamentos lingüísticos”, capítulos 2 e 3 do presente livro: “No âmbito dos estudos das línguas indígenas, provocou um grande debate tanto nas classificações das línguas, modo de escrevê-las, bem como corrigiu as interpretações de outros, que estiveram antes dele nessa região” (Athias. 2015, p.23). Pois ocorreram, também, os encontros alegres, em que Nimuendajú e seus remadores eram recebidos agradável e, até, festivamente e, sendo assim, nesses locais, onde o encontro de fato acontecia, ele podia se demorar mais, se concentrar nos estudos e realizar suas observações. Em uma dessas ocasiões, ele relata:

“Achei também estes Ira-Tapuya nem de longe tão retraídos e medrosos como os moradores do Baixo Içana, e quando à noite tomei um vocabulário do seu dialeto, mulheres e crianças se agruparam sem receio ao redor da mesa improvisada para comentar a minha pessoa, a bagagem e o meu trabalho” (Nimuendajú, 2015. p. 43).

Os registros das línguas encontradas nesse livro nos levam a uma observação recorrente acerca da produção intelectual de Nimuendajú: a posição dele na etnologia “brasileira” tornou-se incontornável em qualquer campo de saber que se relacione com suas pesquisas, tendo sido pioneiro de tantas formas diferentes¹⁰. Foi o primeiro a elaborar tanto os campos informacionais da coleção etnográfica do Museu Paraense

¹⁰ “Nimuendajú foi o pioneiro na criação de campos informacionais, que são utilizados até hoje na documentação da coleção etnográfica do MPEG e, a partir da base por ele elaborada, outros campos de informação foram acrescentados por seus sucessores, até chegar à ficha documental que se tem atualmente. Nenhum campo instituído por Nimuendajú foi eliminado ao longo dos anos, apenas outros novos campos foram incluídos posteriormente, mostrando o espírito visionário deste pesquisador”. (Benchimol, Pinheiro: p. 13)

Emílio Goeldi quanto um catálogo para a coleção dessa mesma instituição¹¹. Parece-me que a palavra “sensível” descreve adequadamente sua atitude e revela muito sobre a forma como ele vivenciou cuidadosamente seu tempo. Sua sensibilidade concretizou-se em dedicação e compromisso com os povos indígenas, atestados, uma e outro, por tantos pesquisadores¹². Esta sensibilidade o tornaria “visionário”¹³, seja com as coleções, seja com seus apontamentos de campo. A percepção de uma sensibilidade aguçada como princípio norteador de seu trabalho me parece a única rasa explicação para seu exemplo, e, apesar de poder parecer rasa e ligeira, segue mais exata do que qualquer explicação de formação ou metodologia, visto que ele era autodidata.

Voltando ao tema do medo, que pode ser lido como um sinal emitido à contemporaneidade das situações vivenciadas pelos povos na região do Rio Negro, Nimuendajú surpreende ao descrever sua própria reação como uma espécie de “medo do medo”. Afinal, quando ele se recolhe e vai embora para não piorar a situação de medo de tantos grupos indígenas encontrados, por mais que ele observe e enumere tantos motivos presentes e passados, ele se aborrece e utiliza palavras duras como “incivilidade”, “mesquinha desconfiança”, “rabugento”, “preconceito dos índios”, entre outras. Parece dizer que teme o medo, como quem teme a frustração de não poder empreender seu trabalho a contento, como quem teme uma situação que, ao perdurar, cria uma barreira para os encontros, seja para o convívio, seja para os estudos que ele tencionava fazer; e mesmo como um sentimento que criaria ainda mais dificuldades para possíveis futuras e necessárias alianças, caso ele insistisse em ficar: “Tudo parecia

¹¹ Idem.

¹² Athias elabora uma lista extensa, e ainda incompleta, dos que compartilham dessa impressão na “Introdução”. Ver página 19.

¹³ Para utilizar uma palavra escolhida pelas autoras Benchimol e Pinheiro, que são autoras da área de Ciência da informação: ver nota 10.

abandonado, mas quando um dos meus remadores abriu uma porta fechada, vimos dentro do rancho, tremendo de medo, uma mulher velha. Para não apavorá-la mais ainda chamei a minha gente e fui embora” (Nimuendajú, 2015. p.40). Em muitas situações, seu recuo diante do medo e das negativas dos povos visitados foi lido como respeito, chegando mesmo a espalhar sua boa fama para outras aldeias: “Quando, porém, [eu] quis adquirir dois bonitos maracás enfeitados de penas, ele se negou decididamente e quase indignado, e um dos meus remadores depois me disse que ele achava bom eu não ter insistido em querer levar os maracás ‘por causa do trovão’”. (Idem, p. 41).

O mapa que acompanha a publicação revela uma situação que nos leva a pensar o pertencimento dos mapas aos campos de saberes e a alguns campos disciplinares e, sobretudo, a questão de autoria, deflagrada ao observar este mapa especificamente. Estabelecer a autoria coletiva desse mapa revela o reconhecimento da necessidade de uma comunidade para sua existência. Pesquisadores e informantes, ao longo do tempo, participam construindo as condições de possibilidade de existência desse mapa ao garantirem a conservação de alguma memória comum para que os trajetos possam voltar a ser reconhecidos, ainda que em outras línguas. A confecção do mapa que acompanha a publicação, por si só, mereceria descrição comentada de seus bastidores pelo organizador do livro que é, a um só tempo, editor e co-autor do mapa, e que certamente precisou de uma rede de contatos e traduções lingüísticas para fixar a forma final publicada. Fica evidente que só o conhecimento atualizado da região tratada permitiria a solução encontrada, visto que vários grupos, falantes de diferentes línguas, se deslocaram ao longo do tempo. A atualização do conhecimento sobre a região é complementada pela “atualização” do mapa, só possível se realizado dentro de uma perspectiva de autoria coletiva, que também é coletiva ao longo do tempo. Não só autores contemporâneos no sentido de serem oriundos da mesma época, mas

contemporâneos dentro da noção empregada por Giorgio Agamben¹⁴: o que está latente, que emite sua luz, ainda que não esteja visível. O desenho do mapa figura como o vínculo entre uma unidade material, o território, e um “arquipélago de saberes”¹⁵ – imateriais – expresso na diversidade de línguas, de trilhas, de costumes, de conhecimentos tradicionais espalhados no espaço mas, também, no tempo. Em outras palavras, há uma construção imaterial do território que precede o mapa, mas que encontra uma das formas de ser narrada com a publicação dele. Um mapa tem vozes, é narrado. Nunca é neutro. Tomo o mapa como prática discursiva e etnográfica¹⁶, para falar de um tema caro aos estudos da contemporaneidade na ciência ou em domínios como a arte e a literatura: a autoria¹⁷.

Nota-se que o mapa não foi publicado com uma referência explícita de autoria, e isso pode ser remetido a uma estratégia do organizador do livro. Por todos os motivos apresentados é que faz falta um depoimento do organizador, ou dele e seus informantes, sobre a construção desse mapa. Lembrando Chartier, quando este diz que a “função autor não é somente uma função discursiva, mas, também, uma função da materialidade do texto” (Chartier: p.64), a materialidade, a “textualidade”¹⁸ do mapa só pode ser construída a partir do compartilhamento por muitos, talvez incontáveis corpos, ao considerarmos não somente os produtores “acadêmicos” do mapa, mas, em especial, os

¹⁴ *O que é o contemporâneo e outros ensaios.* Ver em: http://www.academia.edu/4049906/AGAMBEN_Giorgio._O_Que_%C3%A9_o_Contempor%C3%A2neo_e_outros_ensaios. Acesso em 01 de março de 2016.

¹⁵ Idem. Expressão de Alfredo Wagner Berno de Almeida em livro aqui já citado para se referir à região ao longo do Rio Negro.

¹⁶ Na série “A ciência que eu faço”, do MAST, Terri Valle de Aquino se refere à cartografia como uma prática etnográfica. https://www.youtube.com/watch?v=cVGV2m3m_RU

¹⁷ Na mesma série, o depoimento de Heloisa Maria Bertol Domingues refere-se à construção da ciência como uma construção só possível coletivamente. <https://www.youtube.com/watch?v=gIIX8SnNVf4>

¹⁸ Neste caso o texto se expressa, sobretudo, em termos de visualidade.

conhecedores do território, povos que habitam a região. Esses “autores” não só conduziram Nimuendajú, sem os quais ele não faria esta viagem, como atualizaram o conhecimento desses lugares visitados para Athias, quando este se guiou por um mapa pré-existente. Estamos diante de uma parte do tal “arquipélago de saberes” já mencionado: o conhecimento específico do território que, no caso, também é conhecimento de línguas e de relações entre etnias, clãs e suas dinâmicas de identidade, resistência e conflito.

A atualização do conhecimento sobre essa região nos permite supor que a procura da “vocalização”¹⁹ da região forçada pelo Estado com empreendimentos desenvolvimentistas revela desconhecimento de seus povos e de repertórios de informações já produzidos e circulantes. Por outro lado, esses trabalhos de atualização do conhecimento são muitas vezes feitos por solicitação do mesmo Estado, a exemplo do caso do SPI e deste trabalho de Nimuendajú: eis a mão direita e a mão esquerda do Estado²⁰. A incomunicabilidade com o Estado de que este relatório dá testemunho é perniciosa em mais de um sentido, já que o Estado atua, quando não ameaçador, como tutelar em relação aos povos indígenas. E assim segue. O histórico da região presente, neste relatório, a longa trajetória do sentimento de medo transmitido de geração em geração, o que nos auxilia na compreensão de problemas recorrentes, com publicações recentes que atentam para situações de alcoolismo e suicídio entre jovens indígenas. Entendendo a relação saúde e ambiente como uma relação que leva em conta as identidades étnicas, essa relação, quando em desequilíbrio, dá ensejo a processos de adoecimento. Os problemas aqui citados que acometem esses povos, alcoolismo e suicídio, podem apontar para uma divisão traumática ocasionada pelo medo ancestral,

¹⁹ Expressão utilizada por Alfredo Wagner Berno de Almeida – não desprovida de ironia - no prólogo “Um rio dividido” de livro organizado por ele e já citado anteriormente.

²⁰ Bourdieu, p.7.

transmitido geracionalmente²¹, em virtude de um Estado e de uma sociedade que não contemplam sua multiplicidade étnica, estigmatizando-a. O medo como ancestral da doença, portanto. “O tempo moderno chegou que transforma o selvagem livre num escravo, espezinhando os seus sentimentos elevados e com eles o seu prazer de vida” (Nimuendajú, p. 21). Na epígrafe escolhida por Renato Athias, Herbert Baldus já alinhava Nimuendajú aos indígenas. Uma das versões de sua morte reflete²² essa solidariedade. As solidões amazônicas²³ não existem da forma como pensam os autores de projetos desenvolvimentistas vocacionais para a região. Nem no tempo, nem no espaço. Comunidades tradicionais e comunidades intelectuais habitam a Amazônia.

Referências Bibliográficas:

Agamben, G. *O que é o contemporâneo?* Chapecó, SC; Argos, 2009. Trad. Vinicius Nicastro Honesko.

Almeida, A. W. B de. “Prólogo: Um rio dividido?”. In: Almeida, A. W. B. de. (org.) *Mobilizações étnicas e transformações sociais no Rio Negro*. Manaus: UEA, Rio de Janeiro: Casa 8. 2010. P.7-25.

Athias, R. “Mobilidade, clãs e alianças entre os Hupdah do Alto Rio Negro, Amazonas.” In: Almeida, A. W. B. de. (org.) *Mobilizações étnicas e transformações sociais no Rio Negro*. Manaus: UEA, Rio de Janeiro: Casa 8. 2010. P.274-298.

²¹ “O momento da embriaguez torna-se a justificativa para o ‘acerto de contas’, como afirma o adolescente Jota (16 anos), durante uma entrevista: ‘bêbado a gente tem mais coragem de brigar. A bebida aumenta a coragem’ (Dez 2009). A bebida aqui é apontada como um estímulo à reação dos diversos grupos às ameaças no que se refere à demarcação do ‘seu lugar’, (...)” In: Maximiano, p. 417.

²² Ver texto Benchimol e Pinheiro: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/41>. Ver Laraia, R. E, ainda: conforme palestra por João Pacheco de Oliveira no MAST em 10 de dezembro de 2015, lembrando 70 anos da morte de Nimuendajú.

²³ Expressão “solidões amazônicas” utilizada no discurso de posse da presidenta Dilma Rousseff em seu primeiro mandato.

_____. (Org.). *Reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés: apontamentos linguísticos e fotografias de Curt Nimuendajú*. Rio de Janeiro: Museu do Índio-FUNAI; Recife: Editora UFPE, 2015.

Aquino, T. V. "A ciência que eu faço". *In: site do Museu de Astronomia e Ciências Afins.* www.mast.br Entrevista: https://www.youtube.com/watch?v=cVGV2m3m_RU. Acesso em 20 de março de 2016.

Benchimol, A. E Pinheiro, L. V. "Nimuendajú: do 'coração' verde da Alemanha às matas verdes do Brasil." *In: XI Encontro Nacional em Ciência da Informação.* <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/41>. Acesso em 20 de março de 2016.

Bourdieu, P. "A mão esquerda e a mão direita do Estado". *In: Contrafogos.* Editora Jorge Zahar, 1998. Trad. Lucy Magalhães.

Chartier, R. "História cultural do autor e da autoria". *In: Faulhaber, P. E. Leite Lopes, J. S. (Orgs.) Autoria e História cultural da ciência – Roger Chartier.* Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012. Trad. Priscila Faulhaber.

Domingues, H. M. B. "Apresentação". *In: Faulhaber, P. E Leite Lopes, J. S. (Orgs.) Autoria e História cultural da ciência – Roger Chartier.* Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.

Domingues, H. M. B. "A ciência que eu faço". *In: site do Museu de Astronomia e Ciências Afins.* www.mast.br Entrevista: <https://www.youtube.com/watch?v=gIIx8SnNVf4>. Acesso em 20 de março de 2016.

Maximiano, C. A. "Juventude indígena: violência e conflito em São Gabriel da Cachoeira". *In: Almeida, A. W. B. (org.) Mobilizações étnicas e transformações sociais no Rio Negro.* Manaus: UEA, Rio de Janeiro: Casa 8. 2010. P.408-425.

Montaigne, M. de. *Os ensaios.* São Paulo: Penguin Companhia, 2010. Trad. Rosa Freire D'Aguiar.

Nimuendajú, Curt. "Idiomas indígenas del Brasil". *In: Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán.* Tucumán, v. 2, p. 543-618, 1932. Disponível em: <http://www.etnolingustica.org/biblio:nimuendaju-1932-idiomas>. Acesso em: 16 de abril de 2016.

_____. “Reconhecimento dos rios Içána, Ayarí e Uaupés.” Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios do Amazonas e Acre, 1927. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, v. 39, p. 125-182, 1950. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/jsa_00379174_1950_num_39_1_2385>. Acesso em: 05 abr. 2016.

_____. “Reconhecimento dos rios Içána, Ayarí e Uaupés.” Março a julho de 1927. Apontamentos linguísticos, (2a parte). *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, v. 44, p. 149-178, 1955. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/jsa_00379174_1955_num_44_1_2598>. Acesso em: 05 abr. 2016.

_____. Reconhecimento dos rios Içana, Ayarí e Uaupés (1927). Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios do Amazonas e Acre, 1927. In: Nimuendajú, Curt. *Textos indigenistas: relatórios, monografias, cartas*. (Introdução de Carlos de Araújo Moreira Neto. Prefácio e coordenação de Paulo Suess). São Paulo: Loyola, 1982. p. 123-191. (Coleção Missão Aberta, 6).

Santos, R. C. M. *Um naturalista e seus múltiplos: colecionismo, projeto austríaco na América e as viagens de Johann Natterer no Brasil (1817-1835)*. Tese de doutorado apresentada ao MN-UFRJ sob orientação de João Pacheco de Oliveira Filho. Abril de 2016.